

## CHARITA

Fui á terra, que deu nome aos Jacobinos da Regencia.  
Depois de velho, dei em passeador!

Quem não o será, tendo por amavel companheiro o  
dr. Pereira da Silva. Ao convite do meticoloso cicerone, não  
ha resistir.

O tempo estava carrancudo. Grossas nuvens envolviam o  
Corcovado e as montanhas da Tijuca. Tudo presagiava grande  
borrasca.

*Audaces fortuna juvat.* Mettemos a cara á sorte, e, me-  
diante tres nickeis de duzentos réis, eis-nos em plena barca  
da Cantareira.

A formosa Guanabara não apresentava o garrido aspecto  
dos nossos esplendidos dias tropicaes. O céu parecia forrado  
de folhas de zinco.

O sol appareceu vermelho uma só vez, qual immenso  
olho de papagaio; espiou e foi-se. Navios embandeirados em  
arco; lanchas cruzavam o salso elemento. Saíram em direcção  
á barra dous grandes vapores. Pareciam vir sôbre nós. Dura  
illusão: a barca passou-lhes pela popa.

A balisa tropical, como lhe chamou Porto Alegre, isto é,  
o Pão de Assucar, estava limpo. No cimo fluctuava fa-  
ceira a bandeira Nacional, beijada pelas brisas do mar alto.

Vinte minutos depois saltavamos na terra da Arariboia,  
cuja descendencia fôra publicada no *Jornal do Commercio* da  
vespera.

Tomámos o electrico. Levou-nos até o Canto do Rio.  
Este é o *Icarahy*, que, segundo Macedo Soares, quer dizer  
rio dos acarás, peixe escamoso de agua doce.

Pizarro assevera que nas sesmarias de Pedro Martins  
Namorado e de José Adorno (1565) leu Guarahy. (Entende  
que a palavra seja Cari-y). Seja que sancto fôr. Não sou  
forte em Etymologia dos selvicolas, que agora estão em  
moda.

Não pretendo, falta-me estro para celebrar as bellezas  
dos sitios percorridos.

Já foram cantados em prosa e verso, e até por poetas de  
meia tijella.

A nossa meta era a capella de S. Francisco Xavier, no  
sacco da *Charita*, na antiga fazenda de gado, pertencente aos  
Jesuítas. Estas terras foram antes de um certo Lucas An-  
tunes, que pelo não não perca.

Outr'ora, no frontespicio da ermida estava gravada a palavra *Charitas* (Caridade); o povo corrompeu o distico e transformou em *Charita*.

Saltámos, e toca a caminhar, a caminhar sempre, *pedibus calcantibus*.

Todavia, existe já, ao longo da extensissima praia, linhas de bondes, postes electricos, e até pontos marcados de parada. Tudo está prompto. Só falta a inauguração.

Apezar da longa caminhada, o passeio é supimpa, a paisagem deslumbrante. O mar sereno beija com suas amorosas vagas as praias de *limpidas areias*. A vegetação das montanhas, luxuriante, communica ás aguas tons esmeraldinos. Faltou-nos um bom binoculo.

Distinguem-se, porém, perfeitamente a olho nú, as sinuosidades do sacco ou enseada da Jurujuba, limitada de um lado pela montanha do Pico, e do outro, pelo morro do Cavallão.

No primeiro está o fôrte, mandado construir pelo marquez do Lavradio. Serve de padrao á fortaleza de Sancta Cruz.

O segundo, célebre pela Garganta do Inferno, foi covil de ladrões e assassinos. Contam-se a seu respeito historias tetricas, conservadas pela tradição dos vaqueanos, no local. Hoje, já não ha disto. Atravessamo-lo, na volta, sem medo. O Cavallão regenerou-se. Galgando-o, encurta-se a distancia.

Que dizer das enseadas do Botelho, da Jurujuba, propriamente dicta, da varzea de Sambabaya, de Sancto Antonio, da ponta do Peixe Gallo, das calhetas da Areia Grossa, Charita, Sancto Antonio, etc.?

Toda esta nomenclatura nos foi fornecida pelo velho Salustiano, octogenario residente *in loco*.

De sitios tão apraziveis tirou Pereira da Silva chapas photographicas. Providente, levára a competente machina. Dava-lhe o aspecto de vendedor de joias, ambulante.

Acolá, vê-se o Hospital fundado em 1851. Tem prestado grandes serviços, principalmente em época de epidemias, que nunca mais nos devem voltar.

Além está a capella da Conceição, fundada em 1716, pelo padre Manoel Araujo, em terrenos mais tarde pertencentes a d. Maria da Assumpção, que os legou aos padres do Carmo, com a condição de festejarem a Virgem, no dia 8 de Dezembro.

Ha por alli tambem uma fazenda pertencente ao Seminario de S. José. Foi legada, si não me falla a memoria pelo

bispo Desterro, que a comprou ao ermão, o mestre de campo João Reimão.

Eis-nos em frente ao moinho, onde se ergue a almejada capella. Na praia brincavam semi-nús alguns petizes, tendo á cabeça amplos chapéos de palha. Tractavam de fazer flutuar velhas latas de kerozene, puchadas por barbantes.

Grande surpresa nos aguardava no principio da ladeira! Nada menos que modesto monumento archeologico. Só por si constituia o *clou* da nossa romaria.

Tracta-se de uma columna de quasi tres metros de altura, feita de pedra e cal e encimada por uma especie de corucheo.

Está em parte destruida a inscripção da face anterior.

Lê-se, porém, ainda:

*Peão das Terras*

...S. Xer. tombadas.....

da Costa Mimoso.....

o M. R. P. Antonio.....

Anno....

Em um dos lados, lê-se bem: *Rio*.

*Tavbaté* (nome do ribeiro, que vem de Pendotiba e servia de divisa ao terreno).

Este marco pertenceu aos Jesuitas; provam-no as armas da Companhia alli esculpidas. Delle se tirou uma chapa photographica; si sair boa, o Perejra pretende leva-la á *Careta*, contando com a bondade do Schmidt e do Bhering.

Não se perderá assim a memoria desse marco, arriscado a desaparecer, graças ao vandalismo de muita gente.

Ao subir a ladeira solitaria, iamos meio desconfiados; poderiamos ser tomados por gatunos ou gente de arrelia, e ter pela frente algum cerbero.

Voltando á casa, verifiquei que o peão foi chamado nos primeiros tempos do seculo XVIII. Manoel da Costa Mimoso aqui esteve como ouvidor geral, no tempo do *Onça*. Nomeado em 14 de Dezembro de 1726, foi substituido por Fernando Leite Lobo, nomeado em 11 de Janeiro de 1731.

No adro da capella, contemplámos a fachada da *Charita*, modernamente reconstruida.

Já não tem a palavra *Charitas*, que devia ter sido conservada; a torre pequena, sino pequeno, janellas e portas pequenas, tudo homœopathico.

Ouvimos sons de piano.

— Bom, dissemos com os botões dos nossos sobretudos: aqui ha gente, que tomou chá em criança. O sacristão trata-se. Não é nenhum *quidam*.

O Pereira da Silva metteu a cara a uma janella e bateu palmas. Apresentou-se respeitavel senhora, e em seguida vimos as carinhas de moças, todas espantadas da nossa audacia, naquelle ermo, onde só se ouvia cantar o sabiá, em frondosa mangueira.

Nova e agradável surpresa: todos, gente nossa conhecida!

Quem não conhece o Candido do Bomsuccesso, o Candinho do Carmo? Era a familia do Candinho, composta de sua esposa, duas filhas e duas cunhadas. Candinho tinha ido á cidade, naturalmente para vêr a parada.

Escuso contar que nos foram abertas todas as portas, inclusive a da capella, pequena e assejada, com tres altares, côro, pulpito, etc.

Na sacristia, deparámos com um armario feito com madeiras do paiz, embutido na parede e com muitos escaninhos. Tem na parte superior a data 1696.

Esta antiga obra de marcenaria foi restaurada em 1906, por distincta senhora da familia Fróes, dona da antiga fazenda dos Jesuitas.

Deste velho armario falla monsenhor Pizarro. Dahi conclue que os da Companhia de Jesus tomaram posse dessa propriedade annos antes daquelle anno.

Nas várias dependencias da casa tudo indica antiguidade. Basta ver as paredes, as pesadas portas e as almofadas desta, do estylo do seculo XVII.

Tomámos saboroso café, coado em sacco.

Formou-se um grupo, que foi logo photographado pelo Pereira, com seu apparelho instantaneo. Houve animada palestra. Deixámos lembranças ao Candinho, e partimos, levando gratas recordações de um dia tão bem passado.

Subimos o Cavallão, — outro suprehendente panorama mais de se imaginar do que de descrever.

Tomámos o electrico na rua de Mem de Sá e, em seguida, a Barca. Chegámos á estação ás 5 1/2. Aqui havia chovido torrencialmente. Em Jurujuba nem um pingo de agua. Escapámos de boas.

E foi assim que festejamos modestamente o grande dia 7 de Setembro de 1910.

E que mais suggestiva commemoração: lembrar durante o grande passeio os nomes de Mariz, do Arariboia, de Salvador Corrêa, de d. João VI, de José Clemente, de D. Pedro I, de Jorge Avilez, de Paulo Candido, dos presidentes Pedreira

e Domiciano, de Floriano Peixoto, de Nilo Peçanha e do grande patriarcha da Independencia José Bonifacio, que morreu em S. Domingos?

Só não pudemos ver a casa em que falleceu o *mano Jué*, como lhe chamavam os seus dedicados ermãos Martins Francisco e Antonio Carlos.

Não ha prazeres completos!

Domingo, 11 de Septembro de 1910

## AS TURMAS

Fatidicos foram para os nossos avoengos estes dias de Septembro que vão passando.

Completam-se amanhã (19) precisamente 200 annos, que a cidade do Rio de Janeiro foi invadida pelo Francez João Francisco Duclerc. Pagou caro a imprudencia, pois os habitantes o derrotaram. Deram provas de valor e galhardia.

No anno seguinte, quasi dia por dia, foi a mais importante cidade da colonia portugueza theatro de horriveis calamidades, alvo de nutrido bombardeio, dando em resultado susto, lagrimas e perdas de vida.

Lembrarei rapidamente um e outros factos. Servem de explicação ao titulo, que encima estas nossas despretenhosas notas, modestamente commemorativas.

Como é muito sabido, Duclerc á frente de alguns navios intenta forçar a barra. E' repellido pela fortaleza de Sancta Cruz. Dirige-se para o Sul e pretende saltar em varios pontos da costa. Não o consegue. Afinal em 11 de Septembro de 1710 desembarca em Guaratiba.

Caminha com a gente de sua expedição atravez de montes e valles. A 18 chega ao Engenho Velho pertencente aos Jesuitas. Ahi pratica depredações. No dia seguinte vem em direcção á cidade buscando sempre atalhos.

Do Barro Vermelho e Catumbi segue pelo caminho da Bica ou de Mata cavallos. Soffre perdas na altura de Sancta Tereza. Não obstante dirige-se pelas ruas, hoje Evaristo da Veiga e Chile até o Porto. Divide seus soldados em differentes grupos, que são atacados nas esquinas das ruas e trucidados.

Das janellas os moradores fazem nutrida fuzilaria.

Chega á rua Direita e busca apoderar-se da Casa dos Governadores, então perto da Alfandega, no sitio em que está hoje a nova Praça do Commercio. Encontra viva resistencia. Batidos neste porto, os Francezes apoderam-se do trapiche da cidade (rua do Mercado, onde existe um posto de Bom-